

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

GÊNEROS LITERÁRIOS NA SALA DE AULA: práticas de leitura e escrita

Autora: Amélia Zenir Coral Formagio¹

Orientador: Márcio Roberto do Prado²

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura e escrita com gêneros literários, desenvolvida na primeira série do Ensino Médio do Colégio Estadual "São Francisco de Assis" do município de Ivatuba-PR. O tema foi escolhido devido ao fato de que, além de tais gêneros serem a manifestação de um modo discursivo entre tantos que circulam socialmente, o discurso literário, por sua vez, é polifônico, dialógico, isto é, apresenta uma diversidade discursiva que extrapola os limites da estrutura da obra, estendendo-se à leitura e provocando no leitor efeitos de sentido. Portanto, para que os alunos tivessem condições de entender a obra literária, foi proporcionado um contato mais próximo com os gêneros literários, de modo a promover uma interação entre o leitor e a obra para ampliar sua visão de mundo, tornando-o um leitor mais crítico e competente. Nesta perspectiva, foi feito um aprofundamento da compreensão dos gêneros literários dramático e narrativo, estabelecido por leituras, discussões, adaptações e transposições, observando sempre o uso adequado dos recursos artísticos específicos de cada um. Como produto final deste trabalho, apresentou-se aos alunos do Ensino Médio um texto dramático, produzido pelos alunos da primeira série A, mediante a transposição da narrativa de um conto. Dessa maneira, demonstrou-se um processo de apropriação e abstração dos conceitos estudados, por meio não de um discurso teórico-crítico extremamente especializado, mas de uma prática de leitura e escritura capaz de levar o aluno a atualizar tais conceitos.

Palavras-chave: Drama; Narrativa; Leitura; Escrita.

Abstract

This article aims at presenting a proposal for reading and writing literary genres, developed during the first year of High School State School "São Francisco de Assis" the city of Ivatuba-PR. The theme was chosen due to the fact that, beyond these genres are the manifestation of a discursive mode among the many who circulate

¹Especialista em Literatura pela FAFIMAN, graduada em Letras pela mesma instituição, professora do Colégio Estadual "São Francisco de Assis", ensino fundamental e médio de Ivatuba-PR.

² Doutor em Estudos Literários pela UNESP, campus de Araraquara, graduado em Letras pela mesma instituição, professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá- UEM.

socially, literary discourse, in turn, is polyphonic, dialogic, that is, presents a diversity that goes beyond the discursive limits of the structure of the work, increasing to Reading and provoking the reader of meaning. So for the students to have the means to understand the literary work was afforded a closer contact with the literary genres in order to promote an interaction between the reader and the work to enlarge their world view, making it a more critical reader and competent. In this perspective, it made a deep understanding of literary genres and dramatic narrative, as determined by readings, discussions, adaptations and transpositions, always observing the proper use of artistic resources specific to each one. As a final product of this work, presented to high school students a dramatic text, produced by students in grades A, transpose the narrative of a tale. Thus, it was demonstrated a process of appropriation and abstraction of the concepts studied by means of a non-critical theoretical discourse extremely specialized, but a practice of reading and writing can take the student to update such concepts.

Keywords: Drama; Narrative; Reading; Writing.

1 Introdução

Os gêneros do discurso têm sido o foco de muita atenção nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que, na atualidade, defende-se, de acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs), uma proposta que dê ênfase à língua viva, dialógica, na qual os textos sejam enunciados concretos e relacionados aos mais diversos campos da atividade humana (PARANÁ, 2008). Nas palavras de Bakhtin:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

É evidente que, ao contrário de décadas atrás, em que os textos eram levados para a sala de aula como pretexto para ensinar gramática e, portanto, desconsiderava-se o contexto social, esta perspectiva atua de modo decisivo no sentido de exercitar a tolerância e a interação, levando-se em conta o discurso do Outro, de modo que esse Outro possa se configurar como verdadeiramente um sujeito. Deste modo, compreendemos a relevância do ensino por meio dos gêneros textuais que, pelas diferentes vias de interação social, circulam entre nós, uma vez que seu ensino, além de ampliar a competência linguística e discursiva dos alunos,

aponta-lhes inúmeras formas de participação social nas quais eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da linguagem.

Com a finalidade de atingir esta meta, realizou-se a implementação de um projeto de intervenção pedagógica no Colégio Estadual “São Francisco de Assis”, no município de Ivatuba, que teve como objeto de estudo os gêneros literários. A opção por este tema deveu-se ao fato de, além de ser a manifestação de um modo discursivo entre vários (o jornalístico, o científico, o coloquial, etc.), o discurso literário é polifônico, dialógico, isto é, apresenta uma diversidade discursiva que extrapola os limites da estrutura interna da obra, estendendo-se à leitura e provocando no leitor efeitos de sentido.

Tais efeitos possibilitam momentos de prazer, reflexão, identificação e catarse, já que, como afirma Aristóteles em sua obra **Poética**, a arte é natural do ser humano e fonte de prazer (ARISTÓTELES, 1993, p. 27). Além disso, é fonte de conhecimento, uma vez que, por meio da interação do leitor com a obra, observa-se uma realidade antes não revelada pela ideologia dominante, ampliando, sobremaneira, sua visão de mundo, tornando-se um leitor mais crítico e competente.

Portanto, a implementação teve o propósito de desenvolver práticas de leitura e de escrita que oferecessem aos alunos a apropriação dos conceitos da teoria literária, visto que, é na escola, que a grande maioria dos estudantes terá oportunidade de ter uma relação mais próxima com os gêneros literários.

Nesta perspectiva, as reflexões desenvolvidas deram prioridade aos gêneros narrativo – por meio do conto – e dramático, porque, além de suas especificidades, usufruem quase dos mesmos elementos. Desta forma, ao estabelecerem comparações, realizarem adaptações, transposições, etc., os alunos se apropriariam e compreenderiam a natureza literária que nos faz reconhecer e ativar sentidos.

2 Breves reflexões teóricas

2.1 Gêneros literários

Os primeiros registros das manifestações literárias são tão antigos que datam de alguns séculos antes de Cristo. Isto se dá porque o ato de contar histórias está atrelado à necessidade de se comunicar, de contar as ações realizadas. Platão foi quem primeiro sistematizou os registros sobre este assunto, atribuindo às artes

que se utilizavam da palavra a limitada função de imitar (em uma percepção da mimese como algo passivo), sem se preocupar com a verdadeira essência das coisas, desta forma, considerava a arte como cópia distorcida da realidade, e, portanto, nociva ao discurso do filósofo.

Menosprezada por Platão, visto que preferiu a “verdade” à “imitação”, a arte literária após algumas décadas recebeu novos encaminhamentos por Aristóteles, discípulo de Platão que negou os conceitos de seu mestre, pois valorizava a arte pela sua autonomia em representar o mundo externo, não significando mais mera imitação, mas possíveis interpretações da realidade, amparadas não em um princípio de verdade, mas de verossimilhança.

Segundo Angélica Soares, “a ênfase na diferença entre o mundo empírico e a realidade da arte leva o filósofo a valorizar o trabalho poético e a se voltar para o estudo de seus modos de constituição, a fim de detectar as diferentes modalidades ou gêneros da poesia” (SOARES, 2000, p.10). A clássica divisão em três gêneros (o lírico, o épico e o dramático), que definiremos abaixo, remonta à época desses grandes filósofos:

Na Antiguidade o gênero épico manifestava-se por meio da epopéia, uma longa narrativa literária, de caráter heróico, grandioso, pois tinha a função de narrar fatos históricos passados, portanto de interesse nacional e social. Apresentava, juntamente com os elementos narrativos, uma atmosfera maravilhosa, na qual encontravam-se mitos, heróis e deuses. Homero, em meados do século IX a. C., foi quem nos deixou as suas primeiras manifestações com a **Ilíada** e a **Odisséia**.

Posteriormente, outras manifestações artísticas vieram a materializar o épico, como as canções de gesta e o romance. O romance, por sinal, mantém todos os elementos narrativos da epopéia, mas não com a mesma função, visto que é uma obra de ficção voltado para o homem como indivíduo. Apresentou, ao longo dos tempos, constantes transformações e mantém-se até os dias atuais.

Assim como o romance, o conto e a novela são composições narrativas presentes na literatura que se juntam ao quadro do gênero épico. O conto é uma narrativa curta com estrutura concentrada, mas que busca atingir o máximo de efeitos. Por sua vez, a novela, dentre outros aspectos, é uma forma narrativa que se caracteriza por ser maior que o conto e menor que o romance, na qual predomina a ação.

O gênero lírico, ao contrário do épico expressa sentimentos mais

individualizados, por isso é marcado pela emoção, pela musicalidade, pela eliminação do distanciamento entre o eu poético e o objeto cantado. No princípio, este tipo de composição era para ser cantado e portanto, naquela época, era acompanhado por um instrumento musical. Ao passar da forma cantada para a escrita, conservou todos os recursos que o aproximavam da música: as estrofes, versos, rima, ritmo, musicalidade, enfim todos os recursos responsáveis pela criação de imagens e sentido as palavras.

O gênero dramático, “como indica a própria origem da palavra (drama vem do verbo grego *dráo* = fazer), é ação” (SOARES, 2000, p. 59), remetendo à existência de um conflito entre as vontades das personagens e uma consequente dinâmica de causa e efeito entre suas ações. Difere dos demais gêneros, pois o texto dramático se completa na representação e sem a interferência de um narrado. É diferente da epopéia, pois não relata cada passagem dos acontecimentos da história, visto que o tempo é menor, nem tem o modo especial de transmitir emocionalmente um assunto como o gênero lírico, pois o interesse deste gênero é alcançar um objetivo, criado por uma expectativa que faz com que o foco de interesse seja o desfecho ou a solução da história.

Percebe-se que a diferença entre os gêneros apresentados está intimamente ligada ao conteúdo que os mesmos veiculam. Horácio (65 a.C.) afirma que o poeta deve respeitar e adequar ao seu tema o ritmo, o tom e o metro de cada gênero literário, “A um tema cômico repugna ser desenvolvido em versos trágicos; doutro lado, o *Jantar de Tiestes* indigna-se de ser contado em composições caseiras, dignas, por assim dizer, do soco. Guarde cada gênero o lugar que lhe coube e lhe assenta.” (HORÁCIO,1997, p.57).O hibridismo de formas é, nesta época, altamente condenável.

Todavia, os gêneros literários sofreram e sofrem constantes alterações, visto que são impregnados pela história e pela cultura do seu povo. Assim como a História vai se transformando, estas formas textuais vão se modificando, algumas caem em desuso e são recuperadas posteriormente, outras nascem, outras se transformam para atender as necessidades de expressão dos escritores de diferentes gerações. Como exemplo desta interdependência entre o texto e a época, citamos a epopéia, que não é mais encontrada entre nós.

Segundo Luiz Costa Lima, em seu texto “A questão dos gêneros”:

Os gêneros não são nem realidades em si mesmas, nem meras convenções descartáveis ou utilizáveis *ad libitum*. São sim quadros de referência, de existência histórica e tão-só histórica; variáveis e mutáveis, estão sintonizados com o sistema da literatura, com a conjuntura social e com os valores de uma cultura. (LIMA, 1983, p. 272)

Segundo Bordini e Aguiar (1993, p. 14-5), o texto literário, por meio de sua linguagem não utilitária, apropria-se desses contextos históricos-políticos-sociais e apresentam ao leitor formas de pensar e sentir do homem de uma determinada época por meio dos fatos narrados, e este se identifica com a obra através de uma interação receptiva e criadora, porque além de lhe apresentar muitas situações, informações, o obra literária, é repleta de lacunas que são preenchidas pelo leitor no ato da leitura e que o força a reexaminar a sua própria visão da realidade. Portanto, a leitura da obra literária provoca no leitor efeitos de sentido, que vão desde o prazer até a descoberta de um mundo antes não revelado, oferecendo condições de tornar-se um leitor crítico e sujeito ativo da sua realidade.

2.2 O conto

O ato de contar alguma coisa a alguém pode ser entendido como um processo “primitivo” da vida em sociedade. As primeiras manifestações do “narrar”, segundo Nadia Gotlib, em **Teoria do Conto**, estariam vinculadas à aquisição da linguagem pelo homem que, nas sociedades tribais, perto do fogo, reunia-se para transmissão de ritos e mitos. Portanto, esta prática acontece desde os tempos mais remotos e os assuntos variam tanto quanto o modo de narrar. Gotlib (1988) afirma que, no início, a criação e a transmissão do conto eram feitas apenas oralmente, depois, o conto passou a ser registrado por escrito. A criação de contos por meio da escrita efetivou-se só posteriormente.

A voz do contador de histórias tem o poder de interferir na história narrada, já que ele utiliza todo um repertório no modo de contar para conquistar o leitor, seja por meio da voz, dos gestos ou do olhar. Esses mesmos recursos podem ser utilizados no texto escrito, mas, para que se produza um conto de caráter literário, é necessário que se tenha “[...] um resultado de ordem estética, ou seja: quando consegue construir um conto que ressalte os seus próprios valores enquanto conto, nesta que já é, a esta altura, a arte do conto, do conto literário” (GOTLIB, 1988, p. 13).

O conto não se refere só ao acontecido, porque não tem compromisso com o real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Narrativa breve, concisa, clara, graciosa, mas ao mesmo tempo forte, que causa impacto. Com a utilização mínima dos meios narrativos, procura-se atingir o máximo de efeitos, visto que se centra, geralmente, em um único conflito dramático, em que cada detalhe é significativo para atingir a unidade de impressão, que é alcançada por meio de uma leitura sem interrupções.

Dada a importância da significação para impressionar, a fotografia e o conto possuem algumas características em comum:

[...] o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (CORTÁZAR, 1993, p. 151-152).

A temática do conto é praticamente ilimitada, quase tudo pode ser objeto para um conto. Mas, no princípio, a ideia de conto estava ligada ao acontecimento, ao fato. As formas modernas de narrativa, por sua vez, instituíram a investigação psicológica das personagens e não apenas acontecimentos pontuais. Assim, o conto realiza-se nesta sua capacidade de abertura para uma realidade que está além dele, para além da simples estória que conta. É o que afirma Julio Cortázar, em “Alguns aspectos do conto”: “O bom contista é aquele cuja escolha possibilita essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana” (CORTÁZAR, 1993, p. 155).

Aliar os recursos tradicionais com aqueles que vão surgindo é uma boa forma de combinar tradição e modernidade. A narrativa pode ganhar mais qualidade quando se misturam os acontecimentos à investigação psicológica das personagens que as vivenciam ou presenciam. São produzidos, por meio deste recurso, os mais diversos efeitos no leitor, podendo encantar, aterrorizar, surpreender, emocionar, e isto é alcançado pela forma de narrar, mediante o modo pelo qual a estória é narrada.

Acrescenta Luiz Costa Lima (1983, p. 259) que a obra se completa no efeito que provoca no leitor, e, para que ocorram tais efeitos, é necessário que o leitor tenha condições de entender a obra literária. Para que ocorra esse entendimento, é imprescindível um contato mais próximo com os gêneros literários, por meio de

experiências individuais e coletivas de leitura, lembrando que o prazer estético, por sua vez, será resultado destas experiências.

Nas palavras das DCEs:

Trata-se, de fato, da relação entre o leitor e a obra, e nela a representação de mundo do autor que se confronta com a representação de mundo do leitor, no ato ao mesmo tempo solitário e dialógico da leitura. Aquele que lê amplia seu universo, mas amplia também o universo da obra a partir da sua experiência cultural. (PARANÁ, 2008, p. 58)

2.3 A peça teatral

De acordo com Sábato Magaldi (1997), a palavra “teatro” pode referir-se tanto ao edifício em que se realizam espetáculos, como a uma arte específica que necessita do intermédio do ator para ser transmitida ao público. Considerando o segundo significado, o autor afirma que o teatro não existe sem a sua tríade, ou melhor, os seus elementos essenciais: o ator, o texto e o público. Mas, para que o teatro aconteça, pressupõe o trabalho do dramaturgo, que produz os textos teatrais, isto é, a literatura dramática que fica à espera de um encenador, para dar vida a sua peça, para transformar a literatura em espetáculo. Segundo Magaldi, “assim como o dramaturgo é o autor do texto, o encenador é o autor do espetáculo” (1997, p. 12).

O autor acrescenta que o ator é o responsável por dar vida cênica à arte teatral, é a sua presença que caracteriza o fenômeno do teatro. É ele quem materializa o texto dramático por meio da sua voz, do seu gesto, da sua expressão. O ponto de partida, portanto, é o texto do dramaturgo, no qual o ator encontra informações necessárias para encarnar a sua personagem. Assim, tanto o ator quanto o dramaturgo são responsáveis pela criação do teatro; este, por produzir, criar o texto e os seus personagens e aquele, por dar vida e personalidade às personagens descritas pelo dramaturgo.

Magaldi (1997) explica que a arte dramática será mais fecunda quando envolve todos os seus elementos. O dramaturgo, ao criar a sua obra, deve preocupar-se com o público e com a encenação, por isso o autor do texto dramático deve oferecer ferramentas por meio da escrita (como, por exemplo, as didascálias) para subsidiar o trabalho do diretor/encenador, fazendo com que o espetáculo aconteça.

O texto dramático apresenta alguns elementos fundamentais, tais como os destacados no texto “Operadores de leitura do texto dramático” de Sonia Pascolati (2009, p. 99-10). São eles:

- **Ação**

A ação é o elemento fundamental do texto dramático, tudo gira em torno deste elemento. Uma peça é uma série de ações concatenadas, as quais são apresentadas em uma sequência progressiva, decorrentes uma da outra, promovendo a progressão da peça. Isto cria expectativas em relação ao que poderá acontecer após cada evento.

- **Diálogo**

O diálogo contribui para a dinâmica da ação. Por meio do discurso das personagens, revelam-se intenções, informações importantes para a compreensão da história e também dados importantes para a caracterização da própria personagem. E, além disso, é pelo diálogo que se efetiva a manipulação do outro, situação semelhante ao que ocorre na vida real. Esta manipulação pode acontecer não só pelas palavras, como por insinuações e silêncios, que são tão significativos quanto às palavras.

- **Conflito dramático**

O conflito, juntamente com a ação e o diálogo, sustenta o drama. O conflito dramático surge das divergências entre as personagens, as quais criam obstáculos. Estes são removidos por meio do discurso dessas personagens com o intuito de realizar os seus objetivos.

De acordo com Magaldi, “[...] pela natureza e pelo comportamento do público se conseguiria traçar o perfil de um teatro” (1997, p. 71). Agradar ao público é fundamental, por ser ele o consumidor desta arte, que não é produzida em ‘larga escala’, de modo que o desinteresse do público faz com que toda a produção possa ser até mesmo substituída.

Entende Magaldi que o público brasileiro vai ao teatro para se divertir, por isto, mesmo o espetáculo que levante questões sociais que incomodam, na

mensagem final, deve tranquilizar o seu público, geralmente burguês, para que a sua consciência fique em paz, embora nem todas as peças atuais alinhem-se nessa perspectiva. Até mesmo por isso, afirma Magaldi (1997, p. 78), que os espetáculos teatrais não devem baixar ao nível cultural do público, mas este deve incumbir-se de alçar à linguagem do texto. Portanto, o público deve preparar-se intelectualmente para usufruir, no teatro, o autêntico prazer estético.

A próxima parte deste texto procura mostrar uma proposta de leitura e escrita que tem como base os pressupostos teóricos até aqui abordados.

3 Implementação de uma proposta de leitura e escrita com gêneros literários

A intervenção pedagógica teve início com a apresentação da proposta para os alunos da primeira série A do Ensino Médio, que demonstraram interesse pelas práticas que seriam desenvolvidas com os gêneros literários. O interesse deles se justifica pelo fato de os textos selecionados – o conto “Venha ver o pôr do sol”, da obra **Antes do Baile Verde**, de Lygia Fagundes Telles (1999), e a peça teatral **Romeu e Julieta**, de William Shakespeare (1997) – apresentarem temas como o amor e a paixão, que fazem parte do contexto dos alunos, propiciando, portanto, a identificação com a história, com a linguagem, com o ambiente, com as características das personagens e, especialmente, com os problemas colocados. O conteúdo dos textos possibilitou, desta forma, predisposição para a leitura, até porque, além de tudo, envolvem mistério e suspense, situações que os atraíram ainda mais.

Para encerrar a apresentação do projeto aos alunos, foi realizada a leitura do conto. Nesta primeira etapa, é interessante notar que os alunos ficaram chocados com o final trágico da história, arquitetado por Ricardo, a personagem principal.

Durante o aprofundamento da compreensão do gênero narrativo, foram desenvolvidas práticas de leitura e escrita do conto “Venha ver o pôr do sol”, que possibilitaram aos alunos a apropriação de conceitos literários. Estes, por sua vez, permitiram-lhes compreender construções de sentidos, presentes no conto de Lygia Fagundes Telles.

Por meio das ações desenvolvidas, pretendeu-se demonstrar que “Venha ver o pôr do sol” é uma vingança planejada passo a passo, que acontece em clima de história de suspense, uma vez que as descrições do espaço, que é o elemento

essencial no desenrolar do conflito, são feitas por um narrador heterodiegético, que se posiciona fora da história, mas que emprega os termos perfeitos para construir o cenário do encontro.

O narrador, num primeiro momento, dá uma visão mais ampla, para mostrar que o cemitério abandonado se encontra em lugar afastado do centro urbano, com poucas casas, terrenos baldios, onde as crianças podem brincar com tranquilidade nas ruas, por não haver movimento algum. As palavras empregadas compõem um espaço soturno: “ela subiu sem pressa a *tortuosa* ladeira”, na qual “as casas iam rareando, *modestas* casas espalhadas *sem simetria* e ilhadas em terrenos *baldios*” e “a *débil* cantiga infantil era a única *nota* viva na quietude da tarde” (TELLES, 1999, p.123, grifo nosso).

Depois que a personagem Raquel se aproxima da personagem Ricardo e se surpreende com o lugar do encontro, o narrador fecha o recorte da descrição e apresenta um cemitério totalmente abandonado e esquecido pelos vivos “o velho muro *arruinado*”, nele, “o portão de ferro *carcomido pela ferrugem*” (TELLES, 1999, p. 124) e o

[...] mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármores, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte (TELLES, 1999, p. 125).

O efeito da passagem do tempo, produzido pela descrição da vegetação que toma conta do cemitério de forma violenta, é também reforçado por meio dos verbos no tempo mais-que-perfeito do indicativo, intensificando o tempo de abandono e mostrando para o leitor que, realmente, ninguém iria presenciar o encontro.

Com o apoio do Caderno Pedagógico (FORMAGIO, 2010) foram desenvolvidas algumas práticas de leitura para questionar o aluno sobre qual seria a intenção do narrador ao realizar tais descrições do espaço. Os alunos foram estimulados a refletir a respeito do que seria possível acontecer em um ambiente como esse.

A questão fica mais clara quando atentamos para as atividades desenvolvidas (Cumprir lembrar que a numeração das atividades refere-se à ordem das mesmas no Caderno Pedagógico). Vejamos algumas:

Exemplos dessas atividades:

8) O narrador, inicialmente, descreve o espaço no qual as personagens irão se encontrar, prepara a atmosfera de um lugar abandonado, utilizando-se de diversos termos. Localize as palavras que caracterizam os espaços que serão muito importantes para o desfecho da história.

Rua:.....

Cemitério:.....

O que você achou, o que será que ele está preparando para os dois?

5) As frases abaixo apresentam, em sequência, algumas descrições do espaço realizadas pelo narrador. Observe os termos utilizados que estão grifados e em negrito, o que esta sequência demonstra?

- Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o **portão de ferro**, carcomido pela ferrugem.
- Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola.
- Um **baque metálico** decepou-lhe a palavra pelo meio.
- Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da **portinhola de ferro**.
- [...] – exigiu, examinando a **fechadura nova em folha**. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem.

7) Leia atentamente os dois excertos:

- *“O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte.”*
- *“Pararam diante de uma capelinha coberta de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas.”*

O narrador descreve que a natureza, com características humanas, tomou conta do espaço onde se encontravam os túmulos e as capelinhas para cobrir os últimos sinais da morte. O que isto significa? Qual a intenção do narrador na descrição desse cenário?

É possível observar, em relação ao tempo evidenciado no conto em questão, que as práticas de leitura desenvolvidas com a finalidade de ampliar a sua compreensão, fez com que os alunos percebessem que, ao longo da narrativa, o conto apresenta alguns índices de recuo temporal, que permitem a recuperação de fatos passados, analepses, como, por exemplo: “Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, [...]” (TELLES, 1999, p. 124) e, com maior intensidade, índices de antecipação do desfecho, prolepses, que o leitor só identificará após o término da leitura do conto, como, por exemplo: “Esta a morte perfeita, nem lembranças, nem saudade, nem o nome sequer” (TELLES, 1999, p.127). O conto, por conter apenas um conflito dramático, o qual é formado por forças antagônicas, centraliza-se nesse conflito, mas trabalha com analepses e prolepses para intensificar o mistério, de modo a provocar um impacto no desfecho.

Os recursos utilizados para recuar ou antecipar o tempo da narrativa provocam um desencontro entre a ordem dos acontecimentos da história com a ordem dos acontecimentos no discurso narrativo, marcando um tempo mais subjetivo, o tempo psicológico, que contribuiu para aumentar a tensão dramática do conto de Lygia Fagundes. Para fazer com que os alunos percebessem os recursos de antecipação e de recuo temporal e a função que exercem na construção da narrativa, foram realizadas várias atividades.

Atividades desenvolvidas:

4) Há diferenças em relação à ordem de apresentação dos fatos na história e no discurso narrativo (enredo). Complete o quadro abaixo para visualizar essa diferença.

Conto: “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles			
Ordem de apresentação dos fatos	Início	Meio	Final
História			

Discurso Narrativo (Enredo)			

Tendo em vista que o narrador é um ser ficcional e mediador entre o texto e o leitor, conclui-se que ele tem o poder de manipular o olhar do leitor. As questões de 5 a 8 estabelecem a relação do narrador com a história.

Sugestões de produção textual:

- Escrever a história de Ricardo e Raquel de maneira diferente, desta vez, começando pelo final da história.

- Organizar a sala em equipes, que deverão reescrever um conto conhecido. Todavia cada equipe deverá reescrever a mesma narrativa, mas apresentar a ordem dos acontecimentos de forma distinta, por exemplo:

1º grupo: Iniciar a narrativa mantendo a mesma ordem entre os acontecimentos da história e os acontecimentos apresentados no discurso da narrativa.

2º grupo: Iniciar a narrativa *in media res*, isto é, o discurso da narrativa começa com a apresentação de um acontecimento que pertence ao desenvolvimento da história.

3º grupo: Iniciar a narrativa *in ultima res*, isto é, o discurso da narrativa apresenta, inicialmente, um acontecimento que pertence ao desfecho da história.

Obs.: As narrativas deverão ser apresentadas na sala de aula para que os alunos percebam as diferenças provocadas pela ordem em que os acontecimentos aparecem na história.

Fonte: Caderno Pedagógico (FORMAGIO, 2010, p. 16, 20).

Tão importante quanto os outros recursos da narrativa, as personagens devem ser devidamente analisadas. Por isso elas não foram apenas identificadas e

classificadas, mas observadas em todos os aspectos que envolvem a sua trajetória na história, desde a função que desempenham até as transformações que sofrem no decorrer da narrativa, visto que tudo contribui para desenvolver o conflito.

No caso do conto, que é uma narrativa curta e, geralmente, contém um único conflito dramático, as personagens envolvidas assumem papéis fundamentais, como é o caso de Raquel, que apresenta transformações em sua aparência física e financeira no decorrer da história. Tais mudanças são percebidas por meio da fala de Ricardo: “Pensei que viesse vestida esportiva e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?” E acrescenta: “__ Você está uma coisa de linda... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume.” (TELLES, 1999, p. 123).

Evidencia-se aos alunos que é possível inferir que esta transformação ocorre em função do atual namorado, que é caracterizado por meio da sua condição financeira e sentimental. “Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos” (TELLES, 1999, p. 125), e ainda: “Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente” (TELLES, 1999, p. 126). Esta lacuna na descrição física da aparência do atual namorado significa muito para o conflito.

As transformações de Raquel são percebidas até o final do texto: “__ A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio – lamentou ele, impelindo-a para frente” (TELLES, 1999, p. 127), no desfecho do conto, quando Ricardo consegue concretizar a sua vingança, Raquel encontra-se na condição de um animal enjaulado: “Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois os uivos foram ficando mais remotos...” (TELLES, 1999, p. 131).

Ricardo, por sua vez, durante todo o texto, por intermédio da sua fala, enfatiza a sua pobreza e que ela se agravou ainda mais: “Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.” (TELLES, 1999, p. 123), ou quando fala: “Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível” (TELLES, 1999, p. 124).

Em relação a sua condição psicológica, o narrador deixa claro que ele não é uma personagem equilibrada: “Ele riu entre malicioso e ingênuo” (TELLES, 1999, p. 123), ou evidencia sua mudança de humor: “A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida.” (TELLES, 1999, p. 126), e sua forma

disfarçada de ser: “Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio” (TELLES, 1999, p. 125).

Vejamos, agora, outras atividades que foram desenvolvidas para o estudo das personagens e do conflito.

Atividades desenvolvidas:

9) O discurso direto predomina no conto, ele é um recurso muito importante para a construção das personagens. Ricardo, por meio da própria fala, compara o modo de ser de Raquel no passado com o tempo presente da narrativa, apresentando ao leitor as suas características psicológicas e as suas ações. Já as características externas ficaram a cargo do narrador. Para melhor compreensão do conflito dramático, vamos fazer um quadro das características que estabelecem comparações entre o passado e o presente das personagens.

PERSONAGENS	CARACTERÍSTICAS	PASSADO	PRESENTE
RAQUEL	PSICOLÓGICAS		
	FÍSICAS		
	ECONÔMICAS		
RICARDO	PSICOLÓGICAS		
	FÍSICAS		
	ECONÔMICAS		
	PSICOLÓGICAS		

ATUAL NAMORADO DE RAQUEL	FÍSICAS		
	ECONÔMICAS		

➤ Após realizar a atividade acima, percebemos que alguns espaços não foram preenchidos, o que isto sugere? A que conclusões você chegou a respeito do conflito?

10) Ricardo apresenta características contraditórias em alguns momentos, deixando transparecer as suas reais intenções. Quais características são evidenciadas em tais situações? Como você o descreveria?

Fonte: Caderno Pedagógico (FORMAGIO, 2010, p. 17,18,19).

As práticas de leitura e escrita de “Venha ver o pôr do sol” possibilitaram aos alunos a apropriação de conceitos literários, permitindo-lhes compreender a construção de sentidos no conto de Lygia Fagundes Telles. Nas atividades propostas, foram destacados, sobretudo, três aspectos: as descrições do espaço, que é o elemento essencial para o encaminhamento do conflito; as personagens – dando ênfase à sua trajetória no conto – e a função que desempenham, além das transformações que sofreram no decorrer da narrativa; e a questão do tempo, que apresentou alguns índices de recuo, que permitiram a recuperação de fatos passados.

Por meio das práticas realizadas com os elementos da narrativa que foram priorizados, percebeu-se que a leitura foi muito mais produtiva, chamando a atenção até mesmo dos mais dispersos, que não tinham se interessado pela história inicialmente.

Explorado o gênero narrativo junto aos alunos passou-se para o gênero dramático. As práticas de leitura realizadas, num primeiro momento com esse gênero, tiveram o objetivo de proporcionar-lhes uma maior compreensão da estrutura desse gênero. Foi destacado a eles que o drama apresenta quase os

mesmos elementos que o gênero narrativo, mas que se distingue por ser “[...] uma arte específica que necessita do intermédio do ator para ser transmitida ao público” (MAGALDI, 1997, p. 12). O dramaturgo, ao criar a sua obra, preocupa-se com o público e com a encenação, por isso o autor do texto dramático oferece ferramentas por meio da escrita para subsidiar o trabalho do diretor/encenador. Vejamos algumas:

Atividades desenvolvidas:

- 1) Primeiramente, deverá ser feita leitura silenciosa, observando as indicações cênicas (didascálias) necessárias para a caracterização das personagens e a compreensão das ações. Em um segundo momento, realizar a leitura oral, se possível dramatizada pelos alunos, assumindo o papel de Romeu, de Julieta e da ama.

- 2) Destacar as características do gênero dramático, presentes na cena II da peça **Romeu e Julieta**.

Fonte: Caderno Pedagógico (FORMAGIO, 2010, p. 30).

Num segundo momento, por meio das atividades desenvolvidas, foi mostrado aos alunos que o texto dramático necessita de alguns elementos fundamentais, tais como: a ação, o diálogo e o conflito dramático. Fundamentado em Pascolati (2009), evidenciou-se que a ação é o elemento fundamental do texto dramático, tudo gira em torno deste elemento. Uma peça é uma série de ações concatenadas, as quais são apresentadas em uma sequência progressiva, decorrentes uma da outra, promovendo a progressão da peça e criando expectativas em relação ao que poderá acontecer após cada evento. Por seu turno, o diálogo contribui para a dinâmica da ação, porque, por meio do discurso das personagens, são reveladas intenções e informações importantes para a compreensão da história. Por sua vez, o conflito dramático surge das divergências das personagens que criam obstáculos, os quais são removidos por meio do discurso dessas personagens para realizar os seus objetivos. Para inserir tais conceitos junto aos alunos, propôs-se:

Exemplos de atividades desenvolvidas:

3) Segundo Pascolati (2009, p. 93), “o termo teatro é associado à dimensão espetacular do fenômeno teatral. Já a palavra drama, em grego, significa ação, remetendo à existência de uma tensão, de um conflito entre as vontades das personagens e uma conseqüente dinâmica de causa e efeito entre suas ações”. Com base no texto acima, qual o CONFLITO DRAMÁTICO, presente na cena II, que impulsiona a história de Romeu e Julieta?

4) De acordo com Pascolati (2009, p. 99), “ler uma peça de teatro é estar diante de uma série de ações não apenas concatenadas umas às outras, mas uma decorrendo diretamente da anterior”. Retomando o início da peça em que Romeu encontra-se com Julieta após uma decepção amorosa, percebemos a presença de uma ação inconseqüente. Desta AÇÃO inconseqüente (porque, se o pegassem conversando com Julieta, com certeza, ele morreria) nasce outra ainda pior, que trará muito sofrimento ao casal. Qual foi a ação que resultou desta conversa às escondidas com Julieta? Hoje, este fato poderia acontecer?

5) No espetáculo teatral, por meio das falas dos atores, o espectador vai recebendo informações para compreender a intriga e construir as personagens, enquanto que, no gênero narrativo, há a presença do narrador para ser o mediador entre o texto e o leitor. Reescreva o início da cena II, adaptando-o para o gênero narrativo, utilizando o narrador para mediar falas das personagens.

Fonte: Caderno Pedagógico (FORMAGIO, 2010, p. 30, 31).

A leitura oral da cena II do ato II da peça teatral **Romeu e Julieta** foi realizada por três alunos, que assumiram o papel de Romeu, Julieta e da ama. Ao ler, perceberam que era necessária uma leitura dramatizada, visto que não contavam com a mediação do narrador. Na leitura da peça teatral, assim como no espetáculo, é por meio das falas (do diálogo) que o leitor/espectador vai recebendo informações para compreender a intriga e construir as personagens.

Com base na leitura, foram destacadas as características do gênero dramático, presentes na cena que descreve o primeiro encontro entre Romeu e Julieta. Evidenciou-se que, desse encontro, nasceu o conflito dramático que impulsionou toda história, movida por uma série de ações concatenadas que não deixaram espaço para o supérfluo. Foi lembrado aos alunos que um dos motivos dessa concentração é o espetáculo cênico. Esta característica ficou evidente para eles, já que se surpreenderam ao ler a cena do primeiro encontro, na qual as personagens se conheceram, trocaram juras de amor e marcaram o compromisso do casamento.

Logo após, os alunos assistiram ao filme **Romeu + Julieta** (1996), com a

participação do ator Leonardo DiCaprio, baseado na obra de Shakespeare, inclusive com o texto original da peça, mas ambientada numa cidade moderna (a fictícia Verona Beach). A apresentação do filme foi importante, uma vez que puderam observar, por meio dessa adaptação, o contexto histórico em que cada obra se insere.

Mas, para que os alunos compreendessem a funcionalidade do gênero dramático, fomos ao teatro assistir à peça. Posteriormente, discutiu-se, em sala de aula, a diferença entre a literatura dramática e o espetáculo, destacando as estratégias utilizadas para marcar os elementos do gênero dramático, dentre outras coisas.

Para encerrar a implementação da proposta junto aos alunos, foi realizada a transposição do conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, para o gênero dramático. Para que isto ocorresse, os alunos leram o texto com vistas às mudanças que imaginavam ser necessárias para a adaptação ao gênero dramático, listando as personagens e descrevendo os cenários para começar a organizar a transposição, na qual realizaram algumas atualizações em relação à época e ao contexto dos alunos. Depois de produzido o texto dramático, passamos para a correção e reescrita dos textos, observando as especificidades linguísticas e artísticas do gênero discursivo. Nesta última etapa, as atividades propostas foram as seguintes:

Atividade de produção textual:

1) Transposição do conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes

Telles, para o gênero dramático.

-Sugerir que todos releiam o texto com vistas às mudanças necessárias para a adaptação ao gênero dramático.

-Listar as personagens e descrever os cenários para começar a organizar a transposição.

-Na transposição, poderão ser realizadas algumas atualizações, em relação à época e ao contexto dos alunos

2) Correção e reescrita dos textos, observando as especificidades linguísticas e artísticas de cada gênero discursivo.

Outra particularidade do texto dramático que recebeu especial atenção nesta ação foram suas indicações cênicas (didascálias) que descrevem o cenário, os sentimentos expressos pelos atores, a intenção e a intensidade de cada fala. As didascálias, por não estarem presentes no momento da encenação, fizeram com que muitos alunos não percebessem a necessidade de realizar tal registro. Portanto, para alguns, foi necessário reescrever a transposição para inseri-las quando pertinente.

Por fim, foi organizada a apresentação do texto dramático que os alunos produziram, promovendo a interação entre os segmentos da escola e que se tornou um complemento especialmente interessante e dinâmico.

A peça teatral “Venha ver o pôr do sol”, produzida por meio da transposição do conto de Lygia Fagundes Telles, foi encenada para os alunos do Ensino Médio, e contou com a participação dos alunos da 1ª série A, que, além de participarem na encenação, foi necessário o envolvimento de todos para a organização do cenário, da música e dos figurinos.

A experiência foi muito importante, por perceberem que o texto dramático pode ser lido e apreciado sem que se veja a encenação do mesmo, mas é no palco que ele se completa.

4 Grupo de Trabalho em Rede (GTR).

O Grupo de Trabalho em Rede é uma das atividades da Formação Continuada dos Professores da Rede Pública Estadual de Ensino, e tem por objetivo discutir questões específicas de cada uma das disciplinas (nesse caso, de Língua Portuguesa) propostas nos Projetos de Intervenção Pedagógica na Escola pelos professores do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE).

O GTR, é um grupo de trabalho on-line, idealizado pela Secretaria Estadual de Educação (SEED), que ofereceu a oportunidade de apresentar aos professores da rede, em um primeiro momento, o Projeto de Implementação Pedagógica que foi produzido durante o 1º período do PDE, para que analisassem e oferecessem contribuições.

Após realizada essa etapa, foi inserido no GTR o Material Didático produzido no 2º período, que, por sua vez, estabelece relação com o Projeto de

Implementação, para que os professores cursistas pudessem analisar as práticas propostas e também aplicá-las em suas aulas, de modo que, com isso, poderiam dar sugestões e acompanhar a implementação do projeto na escola.

Essa troca entre professores enriqueceu o trabalho, dando mais segurança na aplicação e na análise dos resultados, contribuindo para o amadurecimento de todos e principalmente para a execução do Projeto Pedagógico em sala de aula.

5 Conclusão

A proposta pedagógica apresentada neste trabalho teve como meta oferecer aos alunos condições de compreender a natureza dos gêneros literários, para que, no momento da leitura, percebessem os efeitos de sentido, que vão desde o prazer até a descoberta de um mundo antes não revelado, tornando-os leitores críticos e sujeitos ativos em sua realidade.

Para atender a esta perspectiva, foram desenvolvidas práticas de leitura e escrita com o conto de Lygia Fagundes Telles “Venha ver o pôr do Sol” e com a peça teatral de William Shakespeare **Romeu e Julieta**, a fim de aprofundar a compreensão dos elementos específicos desses gêneros.

O resultado desta proposta demonstrou que a leitura e a escrita de gêneros literários com fundamentação teórica ampliam sobremaneira a sua compreensão, mas constituem um desafio para a escola, visto que, para se formar leitores críticos e autônomos com semelhante fundamentação teórica, é imprescindível a presença de um professor como mediador e orientador em todas as etapas que envolvem a leitura do texto literário. Portanto, o docente deve possuir domínio da Teoria da Literatura, a fim de mediar o contato do aluno com a obra literária. De acordo com Silva, no contexto do ensino da prática de leitura, há a necessidade de um professor que “além de posicionar-se como um leitor assíduo, crítico e competente, entenda realmente a complexidade do ato de ler” (SILVA, 2002, *apud* PARANÁ, 2008, p. 74).

Para que o leitor interaja com a obra e se torne coprodutor, como propõem as DCEs (PARANÁ, 2008), é necessário que o aluno/leitor compreenda a construção do texto e tenha condições de entender a obra literária. Desta forma, o Programa de Desenvolvimento do Estado do Paraná (PDE) veio ao encontro destas diretrizes, por proporcionar a ampliação do conhecimento por meio do estudo e da pesquisa orientada, contribuindo para a efetivação do trabalho pedagógico com os

gêneros literários.

Como era esperado, o trabalho proposto contribuiu para amenizar a grande desmotivação e as dificuldades dos alunos em relação à leitura de textos literários, transformando-os em leitores e produtores de textos não só literários, mas também dos diversos gêneros que circulam socialmente.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Souza / Edição Bilíngue Grego-Português. 2. ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. **Valise de cronópio**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 147-163.

FORMAGIO, Amélia Zenir Coral. **Caderno Pedagógico**. 2010. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

HORÁCIO. Arte poética. In: **A poética clássica**; Aristóteles, Horácio, Longino. 7. ed. São Paulo, Cultrix, 1985. p. 17-52.

LIMA, Luiz Costa. A questão de gêneros. In: _____. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 1, p. 237-274.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Fundamentos).

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

PASCOLATI, Sonia Aparecida Vido. Operadores de leitura do texto dramático. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá, PR: UEM, 2009. p. 94-112.

ROMEU + Julieta. Direção de Baz Luhrmann. EUA, 1996. Atores: Leonardo DiCaprio, Claire Danes, Zak Orth, Jamie Kennedy.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Tradução Mário Fondelli. Curitiba: Polo Editorial do Paraná, 1997.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000: Ática. (Série Princípios)

TELLES, Lygia Fagundes Telles. **Antes do Baile Verde**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.